

**PIOLHOS, AMORES E ÓDIOS: A TESSITURA DE CONHECIMENTOS
COM NARRATIVAS, MEMÓRIAS E IMAGENS DOS/NOS/COM OS
COTIDIANOS ESCOLARES**

Martha Cupolillo



"Escola, Nossa Senhora do Sagrado coração! Onde
a alma se aprimora no caminho da instrução!"
(refrão do hino).

Refletindo com as nossas memórias sabemos que elas são seletivas e emergem de negociações de sentidos que criamos a partir de situações que *nos acontecem* nas nossas *experiências* de vida (LARROSA, 2001), produzindo e reproduzindo, ao mesmo tempo, processos de auto-conhecimento e relações de conhecimento com muitos outros e outras. São dessas relações, nas quais co-existem afetos e desafetos, dor e prazer, aproximações e distanciamentos, que puxamos alguns fios e é delas que outros rebeldes brotam, mesmo sem serem chamados, porque estão lá, fazendo acordar algumas recordações e adormecer outras, que depois podem ser acordadas ou não.

Também têm aquelas lembranças que, ariscas, insistem em não dormir mesmo quando não queremos com elas nos encontrar. Ou seja, essas seleções são como os tempos de memórias. Não são fios que surgem e correm aleatoriamente porque não são quaisquer uns e de quaisquer formas. São fios de marcas que estão em nós, porém, não são

por nós absolutamente controláveis e, por vezes, surgem das imprevisibilidades cotidianas.

Assim foi comigo e Lúcia Bessa de Mendonça Voss. Duas professoras de Educação Física, nossas vidas e muitas redes de significações.

Era assim que, todos os dias pela manhã, nós começávamos a aula. De pé cantávamos com empolgação o hino da escola, do qual me lembro bem desse refrão. Vejam só, desde então a escola me instruía com o objetivo de aprimorar a minha alma. E o corpo? Corpo e alma como coisas separadas! E assim, eu fui me tecendo nesses e em tantos outros *espaçotempos* de educar marcados por dicotomias.

Contudo, eu gostava da escola e de tudo que viver nesse ambiente proporcionava, tanto naquilo que nos aprisionava como também no que não nos controlava. Falo das “táticas cotidianas” (CERTEAU: 1994), os modos singulares que usamos as normas, agindo de diferentes formas no campo minado pelo poder.

Assim emergem as tensões que vão possibilitando que nós enfrentemos desafios.

Recordo do dia em que a diretora, Dona Marina, que está ativa e bem penteada na foto, mandou um comunicado para casa alertando para um surto de piolhos que assombrava a escola. A sua recomendação rigorosa era para que os pais mantivessem os cabelos de seus filhos mais curtos para facilitar a higiene e diminuir a contaminação. Minha mãe imediatamente acatou a “sugestão” revestida de autoridade. Não foi só ela, como pode ser visto na imagem, quase todas as famílias tomaram a mesma atitude, com exceção de quem? Da mãe da Lucinha que não cortou o cabelo dela.

Foram momentos difíceis! A minha amiga com quem eu adorava brincar, agora eu detestava encontrar todos os dias. Ela manteve os cabelos longos como eu queria ter e ainda ficou mais bonita, criando uma competição amorosa terrível. Eu gostava do Cláudio Augusto, aquele menino mais alto na foto que se posiciona atrás de Lucinha, criando um

imaginário triângulo amoroso que nos envolvia. Ele gostava da Lucinha porque era a única com cabelo bonito, cumprido, de menina.

Assim foram e vão se tecendo as nossas corporeidades, de relações dinâmicas, juntas e separadas, circuladas por padrões que já se constituíam de esterótipos femininos, de modelos de estética que inundam as nossas formas de ser e estar no mundo nos movendo por competições, amores e ódios.

Rediscuto a idéia de que a escola não é o único lugar onde se aprende, como também não é o lugar onde só nos instruímos por propostas de educação explícitas, como os conteúdos dos currículos oficiais. O ambiente escolar é o *espaçotempo* onde a vida acontece e, portanto, impossível de ser totalmente controlado. São nos/com os contextos escolares que também tecemos os fios das redes de subjetividades que somos (SANTOS: 2002).

Essas são algumas das minhas 'memóriasimagens', com as quais trabalho com *alunasprofessoras* num curso de formação de professoras rediscutindo, entre outras coisas, o meu próprio percurso de formação de *mulherprofessora*.

.

✓ Martha Cupolillo: Doutoranda no ProPEd/UERJ, sob a orientação de Nilda Alves, membro do GRPESQ Currículos, redes educativas e imagens, do Laboratório Educação e Imagem.

Referências bibliográficas (ou textuais):

- CERTEAU, Michel de. A invenção do Cotidiano. Artes de fazer. Petrópolis, (R.J.): Vozes, 1994.
- _____. A invenção do Cotidiano: 2. morar e cozinhar/ Michel de Certeau,
- LARROSA, J. Skliar, C. Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença. Tradução de Semíramis Gorini da Veiga. (B.H.). Autêntica, 2001.
- SANTOS, Boaventura de Souza . A crítica da razão indolente. Contra o desperdício da experiência. (S.P.), Cortez, 2002.